



LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: DIFICULDADES DA PRÁTICA DOCENTE

Autor: Dione Oliveira de Souza Lira

Universidade Federal da Paraíba, adrianoedione69@gmail.com; adrianoedione@hotmail.com

Co-autor: Marlene Helena de Oliveira França

Professora do Centro de Educação/DHP/Universidade Federal da Paraíba; marlenecel@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão acerca da dificuldade da leitura e interpretação de texto, presentes na prática docente. Tal problemática é um reflexo das lacunas na formação acadêmica deixadas pelos cursos de licenciaturas de boa parte das universidades públicas e particulares, transformando-se num desafio atual dos cursos da área de educação que precisam responder a essa problemática. Nessa perspectiva, lançamos os seguintes questionamentos: até que ponto a formação dos professores da atualidade é capaz de corrigir essa problemática? A qualidade de leitura de alunos nas séries iniciais e finais é suficiente para uma interpretação correta do texto? Será que a formação dos professores da atualidade tem sido suficiente para corrigir essa problemática? Essas questões nortearão a problemática apresentada neste artigo numa tentativa de justificarmos as razões pelas quais os professores sujeitos dessa pesquisa, demonstram na sua prática docente, no sentido de que não conseguem enfrentar as dificuldades reveladas pelos educandos. Sendo assim, através dos questionários respondidos, buscou-se refletir acerca da dificuldade de interpretação e decodificação apresentada pelos alunos participantes dessa pesquisa, bem como por parte dos educadores, pois, a prática docente dos professores entrevistados atuantes nas escolas investigadas, revelou que eles também apresentam dificuldades de leitura e interpretação textual, refletindo dessa forma, na aprendizagem de seus alunos e na capacidade de reflexão crítica. Na realidade quando se fala de letramento nas escolas brasileiras, está se buscando investigar as problemáticas existentes na formação docente e as dificuldades que os alunos apresentam na interpretação e decodificação daquilo que leem. Pretende-se que este estudo possa auxiliar os pesquisadores a repensar essa problemática, apontando para a necessidade de uma reformulação no currículo da formação docente, ao qual, apresenta dificuldades de enfrentar o fracasso das séries iniciais, a qual ainda que urgente, encontra-se esquecida pelas autoridades na área.

Palavra-chave: Prática docente, interpretação textual, fracasso escolar.



INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma discussão acerca da dificuldade da leitura e interpretação de texto, presentes na prática docente. Tal problemática apresenta-se como um reflexo das lacunas na formação acadêmica deixadas pelos cursos de licenciaturas de boa parte das universidades (públicas e particulares), transformando-se num desafio atual dos cursos da área de educação que precisam responder a essa problemática.

Nessa perspectiva, lançamos os seguintes questionamentos: até que ponto a formação dos professores da atualidade é capaz de corrigir essa problemática? A qualidade de leitura de alunos nas séries iniciais e finais é suficiente para uma interpretação “correta” do texto? Se não, onde está o erro? Na leitura ou na dificuldade que o aluno tem de decodificação? Será que a formação dos professores da atualidade tem sido suficiente para corrigir essa problemática? Essas questões nortearão a problemática apresentada neste artigo numa tentativa de justificarmos as razões pelas quais os professores sujeitos dessa pesquisa, demonstram na sua prática docente, no sentido de que não conseguem enfrentar as dificuldades reveladas pelos educandos.

É notório que a leitura e interpretação textual têm sido cada vez mais, relegadas a segundo plano pelos educandos, seja pela ausência de projetos e métodos que estimulem o processo ensino e aprendizagem, seja pelo desinteresse deles próprios. Como se não bastasse, os professores também apresentam inúmeras dificuldades de interpretação.

Sendo assim, a partir da problemática levantada através dos questionários respondidos, buscou-se refletir acerca da dificuldade de interpretação e decodificação apresentada pelos alunos participantes dessa pesquisa, bem como por parte dos educadores, pois, a prática docente dos professores entrevistados atuantes nas escolas investigadas, revelou que eles também apresentam dificuldades de leitura e interpretação textual, refletindo dessa forma, na aprendizagem de seus alunos e na capacidade de reflexão crítica.

Segundo Soares (2003) letramento é mais que alfabetizar; é envolver-se no processo de escrita e leitura, é a entrada da pessoa no mundo da escrita; é a adaptação adequada ao hábito de ler e escrever “é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura” e a má decodificação escolar faz parte do mal crônico do nosso país.



Na realidade quando se fala de letramento nas escolas brasileiras, está se buscando investigar as problemáticas existentes na formação docente e as dificuldades que os alunos apresentam na interpretação e decodificação daquilo que leem.

Como diz Freire (2002) é necessário criar em nossa prática docente a virtude da coerência. Sem deixar descartar que minha experiência discente é fundamental para a futura prática docente. E assim, me preparo para exercer a mesma autoridade de docente, se não houver criticidade sobre as ações vivenciadas.

Pretende-se que este estudo possa auxiliar os pesquisadores a repensar essa problemática, apontando para a necessidade de uma reformulação no currículo das séries iniciais, a qual ainda que urgente, encontra-se esquecida pelas autoridades na área.

A pesquisa buscará realizar um comparativo entre as escolas, ambas localizadas no Bairro de Mangabeira VII em João Pessoa-PB, no que tange as séries iniciais e as séries finais. Atualmente, no que se refere à leitura e interpretação, a escola estadual está com um percentual de 12% nas séries finais em comparação a escola municipal, exatamente o foco da pesquisa. Mas em relação às séries iniciais, a Baptista de Melo está com um índice praticamente igual a Índio Piragibe, isto é com 33%. A motivação para a pesquisa justifica-se em razão do índice de aprendizado na leitura e interpretação de texto até o quinto ano em comparação ao Estado, estimado em 23%, está mais alto, isto é, 34%. Enquanto que na Escola Estadual Baptista de Melo, também lócus da pesquisa, esse índice foi de 24% (QEdu). As vantagens que essa pesquisa proporcionou é que serão relevantes para a formação de novos educadores, responsáveis pela formação de alunos que leem e decodificam o que leem, e não leigos leitores, tornando-se assim pessoas mais envolvidas com a leitura e a cultura do país com uma interpretação precisa, decodificando o que leem.

METODOLOGIA

Participaram do universo desta pesquisa cinco professores das séries iniciais da Escola Municipal Índio Piragibe no bairro de Mangabeira VII, na cidade de João Pessoa-PB, do primeiro ao quinto ano. Em relação às séries finais, foram distribuídos questionários a oito professores da Escola Estadual Lima Lobo, localizada no mesmo bairro. Sendo que, desse total, apenas 4 professores, responderam.

Os questionários entregues para os sujeitos da pesquisa (professores das séries iniciais e finais) possuíam as mesmas perguntas, num total de 18. O instrumento de coleta de dados foi entregue aos professores da Escola Municipal, todos no turno da manhã, com o objetivo de



que fosse respondido no mesmo dia, mas todos colocaram objeção pela quantidade de atividades diárias, ficando então para serem entregues no dia posterior e, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi feita no mesmo dia da entrega do questionário. Já na Escola Estadual ao conversar com os professores sobre a pesquisa, não encontramos nenhum tipo de resistência. Inclusive, todos os questionários foram respondidos no mesmo dia.

Perfil dos professores entrevistados do Ensino Fundamental I e Médio.

Dentre as 5 professoras entrevistadas no ensino fundamental, 4 delas possui formação em Pedagogia, sendo que 2 possui mestrado em educação e 1 com especialização. A quinta entrevistada ainda está cursando Pedagogia do Campo pela UFPB. Em relação aos 4 professores que lecionam no ensino médio, todos possuem nível superior, porém apenas 2 declararam possuir formação com licenciatura no curso de história e o outro em Matemática, os demais declararam superior completo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para identificação dos professores utilizamos os seguintes códigos: P1F, P2F, P3F, P4F e P5F para os respectivos do Ensino das séries iniciais. E das séries finais daremos o nome de P1EM, P2EM, P3EM, P4EM¹.

Nessa parte do estudo, foram respondidas 6 questões de natureza objetiva. A primeira buscou saber se na escola existe biblioteca e em caso de existência, se o espaço é adequado para que as crianças leiam confortavelmente. Dos 5 professores entrevistados das séries iniciais todos responderam afirmativamente a primeira questão, ou seja, que existe biblioteca. No entanto, em relação aos espaços da biblioteca serem adequados, apenas 1 professora que leciona no 4º ano, respondeu que sim, os demais (4) disseram que não.

Como já se imaginava, em se tratando de escola pública, é de se supor que boa parte das escolas possui biblioteca, mesmo porque essa tem sido uma exigência do Ministério da Educação, que na maior parte das vezes, fornece recursos para a aquisição de equipamentos (computador, impressora, estante) bem como, dos próprios livros. No entanto, nem sempre esses recursos são utilizados de forma eficiente, nem tampouco os espaços são adequados para uma boa leitura.

¹ A sigla F significa fundamental, EM significa ensino médio.



Em relação aos professores do ensino médio os 4 afirmaram que existe biblioteca, declararam ainda que os espaços são adequados. Tal constatação não chega a ser uma contradição, tendo em vista que se trata de escolas diferentes, mesmo assim nos chama atenção o fato de que a escola estadual se mostrou mais bem estruturada do que a municipal, ainda que em relação à formação acadêmica dos professores entrevistados, aquelas que pertenciam ao quadro da escola municipal e leciona nas primeiras séries seja maior do que a biblioteca da escola estadual, conforme fala dos professores.

Na questão 4, oito dos professores responderam que a coordenação pedagógica não interfere no método de ensino. Porém, isso não ficou muito claro nessa questão, já que não há como saber se as respostas são de fato verdadeiras ou se por medo de o questionário chegar à coordenação. Mesmo assim, apenas 1 respondeu que a coordenação pedagógica interfere na metodologia.

Na análise das falas dos sujeitos, optamos pelo uso de quadro temático, uma vez que esse recurso facilita a análise dos dados, visto que reúne em um mesmo espaço, perguntas e respostas.

Quadro temático 1, questão 10

Como é a sua relação com os discentes?	P1F -Boa, focando o pedagógico e também o afetivo.
	P2F- De respeito e reciprocidade.
	P3F - Boa de afetividade, diálogo e reciprocidade. Acredito que baseado no respeito, temos maior e melhores condições para que ocorra o aprendizado.
	P4F - Relação onde há muita conversa.
	P5F - Considero boa, visto que procuro ouvi-los e tentar auxiliar no que posso, claro que impondo os limites necessários e procurando orientar questões de convivência.
	P1EM - Muito boa
	P2EM – Respeitosa e formal
	P3EM – Com 90% muito boa, mas os 10% alguns conflitos.
	P4EM - Instável

Fonte: Levantamento realizado em Maio de 2016.

Como podemos observar o relacionamento dos professores das séries iniciais é de respeito, mas também de afeto, mostrando ainda a ideia de “tia” que dialoga com os alunos como se de fato pertencesse a família deles. No que tange à reciprocidade, encontramos uma falha que consideramos grave, vez que é necessário uma troca entre os sujeitos. Porém, quando nos deparamos com crianças sem educação em casa, problemas familiares, em que



muitas delas não conhecem o que é afetividade, essa troca não se efetiva. Então, cabe questionar como serei recíproco com essa criança? Levinas (SOLDERA), discute essa relação que ocorre, o “face a face”, é uma relação de responsabilidade, pois no momento que estou de frente para o Outro eu sou responsável por ele. Esta é uma relação desinteressada. Não me relaciono com o Outro porque quero algo em troca, mas sim pelo simples fato de estar com ele. É essa relação de desinteresse que permite a presença do outro ser. A relação proposta por Levinas para alcançar a Alteridade é dada pela exterioridade, sendo, não uma preocupação para comigo, mas sim, para com o Outro.

Já com os professores do ensino médio podemos observar que a relação da afetividade não aparece em suas respostas, nos levando a concluir que só é o profissional do tipo “eu ensino e você aprende” a problemática é, e quando não aprende? Para que essa aprendizagem aconteça é preciso ter afetividade, necessária para uma relação de bem estar.

Quadro temático 2, questão 11

Ao observar as crianças durante a aula o que você costuma fazer para trazer para a realidade delas o assunto abordado?	P1F – Chamar a atenção com recursos didáticos.
	P2F – Realizo discussões para explorar os conhecimentos prévios dos alunos.
	P3F – Geralmente trago exemplos práticos e concretos dentro do próprio conteúdo. De acordo com o conteúdo, através do diálogo eles se inserem trazendo exemplos do seu dia a dia.
	P4F – Dando exemplo do meio em que vivem.
	P5F – Procuo iniciar cada conteúdo com a realidade das crianças que procuro conhecer através do diálogo com os mesmos e com os pais que vez por outra chamo na escola.
	P1EM – Ler com muita atenção o assunto que está sendo abordado.
	P2EM – O cotidiano deles é a própria sala de aula.
	P3EM – Abordo temas do cotidiano do meio deles em relação ao conteúdo programático.
	P4EM – Provocar os alunos com relação aos problemas vivenciados, a fim de obter respostas relacionadas com os conteúdos sistematizados.

Fonte: Levantamento realizado em Maio de 2016.

Segundo Paulo Freire (2002), a leitura de mundo é trazer para a realidade do aluno com objetos do seu dia a dia, é algo extremamente didático, resignificando a aprendizagem. Analisando a perspectiva dos professores das séries iniciais podemos observar essa preocupação didática apesar de sabermos que para a criança é bem mais difícil à compreensão de um assunto se não tiver material concreto acessível às mesmas, isto é, a aprendizagem se



dá de uma forma mais rápida se a criança tiver possibilidade de contextualizar sua própria compreensão daquilo que lhe é ensinado. Nossa preocupação se refere aos professores do ensino médio. Queremos saber, portanto, porque a dinâmica muda em relação aos demais professores? Como podemos observar a resposta da professora P1EM, será mesmo que é suficiente ler devagar e claramente o assunto? Quanto a resposta do P2EM questionamos: afinal qual é mesmo o cotidiano desses alunos? Qual a garantia que temos que a realidade em que eles estão inseridos é contemplada nos temas abordados? Neste sentido, é interessante contrastarmos com a resposta da P5F que afirma trazer para a realidade dos alunos os assuntos trabalhados em sala, por meio dos pais que frequentam a escola. Se de fato isto ocorrer com frequência, pode-se afirmar que com certeza a realidade desse aluno está sendo considerada no processo ensino/aprendizagem.

Quadro temático 3, questões 12, 13 e 14²

12- Quando uma criança apresenta dificuldade de interpretação de texto como você tenta resolver?	P1F – Sempre dinamizo as estratégias de leitura. Envolve-las nas estratégias, focando sua participação oral; Sim; Com mais motivação e interação.
	P2F – Trabalho com o aluno a sua vivência, aquele determinado assunto; Sim; Com menos interesse.
	P3F – Após a primeira tentativa de leitura individual, procuro fazer a leitura compartilhada e dialogada; Sim, em todas as aulas, pois a leitura é diária; Sempre primo pelo debate e diálogo, porém algumas atividades são mais de execução eles também sabem como elaborar.
	P4F – Envolver sempre o aluno por meio da leitura; Com livros de vários gêneros; Reflete muito na aprendizagem.
	P5F – Questionando e problematizando acerca das dúvidas, também realizamos muitas atividades coletivas, bem como as individuais socializamos posteriormente e vamos juntos tentando aprimorar o entendimento dos mesmos; Sempre a utilizo em todas as disciplinas, as quais procuro trabalhar associando-as; Claro pois já estão acostumadas a trabalharmos dialogando, interagindo, problematizando.
	P1EM – Tento resolver da melhor maneira possível, isto é tirando dúvidas com o mesmo; Através de leitura debates etc...; Quando eu noto que alguns sentem dificuldades para ler e responder as questões;
	P2EM – Aconselhando- o a praticar mais leitura. Principalmente do cotidiano deles; Sempre; Aceitam normalmente.
	P3EM – Converso primeiro com ele, depois com o professor de português e os pais. Trago sugestões de leituras interessantes; Sim; Não reagem.

13- É comum você utilizar essa metodologia?	P4EM – Explico de maneira mais simples, com palavras do seu dia a dia; Sim; Muitas vezes normalmente.
	P5EM – Explico de maneira mais simples, com palavras do seu dia a dia; Sim; Muitas vezes normalmente.

14- Quando a metodologia é mudada como as crianças reagem?	P1EM – Tento resolver da melhor maneira possível, isto é tirando dúvidas com o mesmo; Através de leitura debates etc...; Quando eu noto que alguns sentem dificuldades para ler e responder as questões;
	P2EM – Aconselhando- o a praticar mais leitura. Principalmente do cotidiano deles; Sempre; Aceitam normalmente.
	P3EM – Converso primeiro com ele, depois com o professor de português e os pais. Trago sugestões de leituras interessantes; Sim; Não reagem.
	P4EM – Explico de maneira mais simples, com palavras do seu dia a dia; Sim; Muitas vezes normalmente.

² Neste quadro as respostas dos sujeitos referentes as questões 12, 13 e 14 estão juntas no mesmo quadro, separadas por ponto e vírgula.

Fonte: Levantamento realizado em Maio de 2016.

Como podemos observar os próprios professores, principalmente, de ensino médio têm dificuldades de interpretação textual, pois, responderam as questões fora do contexto da pergunta. Sendo assim, questiona-se qual o tipo de ensino que esses professores deixarão para esses alunos? Como entender e compreender textos se os próprios têm dificuldades? É interessante registrar que apesar de uma das entrevistadas tendo respondido que dinamiza a aula compartilhando a leitura, presenciamos a professora lendo todas as questões na correção da tarefa de casa. No entanto, apenas 3 crianças de um universo de 25 alunos estava respondendo as atividades. De uma forma geral, as crianças não participam da leitura até porque são muitas atividades para o professor cumprir diariamente, e não dá tempo de esperar os alunos desenvolverem a leitura, mas em contrapartida, os professores não desenvolvem nenhuma estratégia de aprendizagem que possibilite uma participação mais significativa nas atividades que envolvem leitura.

Noutra direção, são muitas as justificativas apresentadas pelos professores acerca do cansaço físico, mental, e problema na voz, bem como, dos desafios que enfrenta cotidianamente no contexto da sala de aula. Não é de se surpreender que tais problemas reflitam nos processos de aprendizagem das crianças, muitas das quais, sem domínio da leitura e da interpretação textual.

Quadro temático 4, questão 15

O que você entende por letramento e decodificação?	P1F – Letramento são práticas sociais que levam meu aluno a compreender a função de diversas coisas. Codificação é memorizar algo exposto.
	P2F – Decodificação é o sistema de escrita alfabética. Letramento são as práticas de leitura e de escrita.
	P3F – Um processo de leitura significativa da sua realidade decodificando os símbolos de forma a compreendê-los em todos os aspectos.
	P4F – É um processo por meio da escrita a identificar a palavra (leitura)
	P5F – Letramento é a ação de ensinar a ler e escrever de modo que o aluno compreenda o que lê. Decodificar é quando o aluno faz uma ligação entre o material linguístico e seu significado, é a fase da leitura mais superficial.
	P1EM – Com bastante dificuldade.
	P2EM – Letramento: várias formas de interpretação. Decodificação: interpretação terminológica.
	P3EM – Incentivo a leitura e memória.



	P4EM – Letramento acontece na escrita e na leitura e a decodificação com a interpretação dos problemas.
--	---

Fonte: Levantamento realizado em Maio de 2016.

Esse quadro nos reporta a observar que muitos de nossos professores têm dificuldade do significado de letramento e decodificação. Como poderemos requerer desses profissionais uma melhor qualidade no ensino de suas funções sobre o significado, se para eles não está bem claro. O quadro posterior irá clarificar essa expressão.

Quadro temático 5, questão 16.

Qual a sua percepção acerca do letramento e decodificação em sua turma?	P1F – Tento envolver meus alunos nas práticas sociais mais do que decodificar, pois percebo que eles tem uma vivencia um pouco elementar para alguns assuntos.
	P2F – Ainda está no processo de construção do SEA; porém estão avançando gradativamente.
	P3F – A realidade social em que estão inseridos dificulta o processo tendo em vista que a assiduidade e falta de aprendizagens nos anos anteriores afeta esse processo.
	P4F – Não é a das melhores.
	P5F – Eles se encontram na fase já de letramento, muito embora ainda possuam dificuldade em compreender muitas das coisas que leem e tem um vocabulário reduzido.
	P1EM – Gosto muito de observar as turmas e de que maneira eles estão estudando o assunto.
	P2EM – Muita dificuldade e pouquíssimo embasamento.
	P3EM – Na maioria é fraca.
P4EM – Tento colocar problemas com uma linguagem simplificada, com palavras do nosso dia a dia.	

Fonte: Levantamento realizado em Maio de 2016.

O que dizer diante de dois quadros que explicitam a realidade de duas escolas públicas, que é o reflexo das nossas instituições de ensino. Professores de ensino fundamental sem preparo para lidar com a realidade apresentada no início deste artigo, que é o fracasso escolar que perpassa ano após ano, e não sabemos lidar com a situação. Afinal não somos preparados na graduação para enfrentar esse grave e reiterado fracasso escolar. E ainda pior nos professores de ensino médio, com suas próprias dificuldades de interpretação na pergunta apresentada. Como mudar essa situação? Sem dúvida a formação inicial é uma das várias etapas da formação docente e não a conclusiva. Oliveira (2016) vai dizer que a formação continuada representa uma conquista no contexto da formação, por transformá-los em perspectivas de mudanças e inovações no desenvolvimento profissional dos docentes.



É necessário desenvolver a cultura da aprendizagem contínua, o docente nunca está totalmente pronto a lidar com todos os desafios apresentados.

CONCLUSÕES

Esse estudo revelou uma realidade ainda pior do que a perspectiva inicial. Utilizar o mesmo questionário para as séries iniciais em confronto com as séries finais nos mostrou que não há evolução qualitativa entre as modalidades. Tal constatação nos obriga a questionar: Será que o modelo de formação que temos é suficiente para resolver essa problemática? Necessitamos de reformulação, precisamos refletir na formação dos educadores, mas, sobretudo dos pedagogos, para transformação escolar dos alunos em leitura e escrita nas escolas locais.

Com a realização da pesquisa e posterior análise dos dados, notamos o triste impasse da dificuldade de leitura e interpretação textual, para não dizer do fracasso, que inicia-se nas séries iniciais e desemboca nas séries finais, tornando-se uma realidade gritante que necessita de mudanças urgentes na formação docente e na estrutura curricular do curso de pedagogia e dos demais cursos de licenciatura. Os resultados dessa pesquisa nos levam a acreditar de que nossa formação acadêmica não tem sido suficiente para responder as inquietações e dificuldades apresentadas na prática docente, sobretudo, quando está em discussão os processos de leitura e interpretação de textos.

Concluimos que a leitura e interpretação têm sido deixadas de lado pelos alunos, por falta de projetos e métodos que gerem estímulos aos próprios para atingir um desenvolvimento intelectual satisfatório. A grande problemática em questão é que os próprios professores, no exercício de sua prática docente, também apresentam suas próprias dificuldades de interpretação. Nesse sentido, propomos uma mudança no currículo do ensino superior capaz de atender aos anseios de cidadãos (educandos e educadores) com sede de conhecimento, mais participativos e conscientes de seu papel dentro de uma sociedade igualmente carente de informação.

E a formação desse indivíduo pensante, crítico, operativo, que reflete sobre suas ações futuras e individuais, mas também nas ações do coletivo, requer educadores com uma formação acadêmica capaz de responder aos desafios impostos pela realidade educacional do século XXI, possibilitando aos alunos também a capacidade de refletirem sobre a realidade quem estão inseridos, tornando assim, sua aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. (Org.). **Práticas inovadoras na formação de Professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

CASTRO, Luciana. **O Fenômeno do Fracasso Escolar e a aquisição do sistema de Escrita: Que relação é essa?** Revista Práticas de Linguagem. V 1. N 2. P. 69 -77. Jul/dez. 2011.

CHAUÍ, M. **Reforma do Ensino Superior e autonomia universitária**. Revista Serviço Social & Sociedade, São Paulo: Cortez, n. 61, p. 118-126, 1999.

FREIRE, Paulo (1996) . **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo-SP: Paz e terra, Ed. 25º, 2002.

SOLDERA, Lucas; MOREIRA, Samuel; SCAPIN, Eloi Piovesan; UBERTI, Daniel; RODRIGUES, Ricardo Antônio. **A ALTERIDADE COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA LEVINASIANA**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/018e3.pdf>

QEDU. **Use dados transforme a educação**. Disponível em <http://www.qedu.org.br/cidade/4586-joao-pessoa/aprendizado>>. Acesso em 06 set. 2016 as 10:14h.

SOARES, Magda Becker. **O que é Letramento?** Diário na Escola, Santo André, ago. 2003. Disponível em: <http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. acesso em: 30 mar. 2016.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

